



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ANNA KARLA PEDROSA DE LIMA NOGUEIRA CORREA MARQUES

**A PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM ÉPOCA DE
PANDEMIA: ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE A TEMÁTICA
NO PERÍODO DE 2020 A 2022**

Brasília
2025



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ANNA KARLA PEDROSA DE LIMA NOGUEIRA CORREA MARQUES

**A PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM ÉPOCA DE
PANDEMIA: ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE A TEMÁTICA
NO PERÍODO DE 2020 A 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de Pedagogo(a)

Nome do orientador: Profa. Dra. Viviane
Fernandes

Nome do coorientador: Profa. Dra. Monique
Voltarelli

Brasília
2025

A perspectiva das crianças na educação infantil em época de pandemia: análise das produções científicas sobre a temática no período de 2020 a 2022

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Aprovado em

Profa. Dra. Viviane Fernandes Faria Pinto - Universidade de Brasília
Orientadora

Profa. Dra. Caetana Juracy
Examinadora

Profa. Dra. Etienne Baldez
Examinadora

CIP - Catalogação na Publicação

PP372p Pedrosa, Anna Karla.
A perspectiva das crianças na educação infantil em época de pandemia: análise das produções científicas sobre a temática no período de 2020 a 2022 / Anna Karla Pedrosa;

Orientador: Viviane Fernandes; co-orientador Monique Voltarelli. -- Brasília, 2025.
29 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia) -- aqui Universidade de Brasília, 2025.

1. Infância. 2. Pandemia. 3. Educação Infantil. 4. SARS-CoV-2. 5. Criança. I. Fernandes, Viviane, orient. II. Voltarelli, Monique, co-orient. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho representa muito mais do que um passo acadêmico; é a materialização de uma jornada de superação contra meus próprios limites, minhas inseguranças, minhas demandas e, muitas vezes, minha própria descrença em mim mesma. Mais do que um resultado acadêmico, este trabalho é um impulso para minha autoestima, uma lembrança de que sou mais forte e capaz do que muitas vezes acredito.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por guiar meus passos e mostrar o caminho quando a jornada parecia incerta.

À minha primeira orientadora, Professora Monique, sou imensamente grata pelo apoio inicial, pelas primeiras direções e pelo incentivo que me ajudou a dar os primeiros passos neste trabalho. E à minha orientadora atual, Professora Viviane, meu mais sincero agradecimento por ter acreditado em mim, por ter me compreendido e, principalmente, por sua paciência ao longo desses meses. Seu olhar sensível e seu apoio foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À minha família, meu porto seguro, sou grata por absolutamente tudo na minha vida. Mas, em especial, agradeço por serem minha rede de apoio incondicional, por segurarem minha mão quando precisei e, principalmente, por me ajudarem com meu filho nos momentos em que precisei me dedicar aos estudos. Sem vocês, esse resultado teria sido muito mais difícil de alcançar.

Ao Pedro, meu companheiro de vida, meu abraço em dias cansativos, meu incentivo nos momentos de dúvida e meu melhor amigo. Obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos, por me incentivar a crescer, por acreditar em mim até quando eu mesma não acreditei. Sua parceria, paciência e amor me fortaleceram ao longo desse percurso, e sou imensamente grata por ter você ao meu lado, dividindo sonhos, desafios e conquistas. Obrigada por tudo o que você é para mim e por ser meu parceiro nessa caminhada.

E, por fim, ao meu filho, meu pequeno Caetano. Você me transformou de todas as formas possíveis e me deu um novo significado para cada esforço que fiz. Seu sorriso é minha maior motivação, seu amor é minha força diária. Tudo que conquisto tem um pouco de você, e é por você que sigo em frente.

Este trabalho não é apenas um resultado acadêmico, mas um reflexo de todas as pessoas que me cercam e me sustentam. A vocês, meu eterno agradecimento.

MEMORIAL

Não tenho muito prazer em lembrar minha trajetória escolar. Ela foi carregada de muitos desafios, onde duvidei de mim várias vezes.

Meu nome é Anna Karla, tenho 32 anos e nasci em Brasília, cidade em que vivo até hoje. Estudei meus anos iniciais em uma escola particular perto da minha casa. As lembranças que tenho dessa época são tranquilas, eu passava boa parte do meu tempo ajudando as professoras com os bebês do maternal, era o que eu amava fazer na escola.

Quando entrei para o Ensino Fundamental, fui para a Escola Classe 206 sul, onde criei laços com duas amigas, Anna Paula e Larissa, as melhores alunas da turma no quesito nota e desempenho. Comecei a perceber que eu precisava me esforçar muito para ser como elas. Na 3ª série, meus pais e os pais dessas amigas resolveram nos colocar em uma escola particular. Meus desafios começaram neste período. Minhas notas eram altas, mas eu sofria muito para mantê-las assim e contava muito com a ajuda das minhas amigas. Na 7ª série, nós três fomos juntas para uma escola de renome em Brasília, Colégio Leonardo da Vinci. Neste período, os laços entre elas se estreitaram e eu já não me via mais inclusa neste trio. Sofri, aos 13 anos, com esse afastamento, além de não conseguir acompanhar o método da escola e, no ano seguinte, na 8ª série, reprovei de ano.

Desde então, muitas dificuldades escolares apareceram, além também da depressão. Carrego uma doença autoimune desde os 8 anos de idade, onde um dos sintomas, além do efeito colateral do medicamento, é o Transtorno Depressivo, mas eu não sabia disso, até eu entrar na faculdade.

Perto de terminar o Ensino Médio, na época em outra escola, fui diagnosticada com TDAH, um transtorno neurológico que acomete principalmente a atenção e a motivação. Fui medicada e, pela primeira vez, me senti capaz. Me dediquei ao cursinho pré-vestibular e, em 2012, entrei para o curso de Administração na Universidade de Brasília - UnB.

Nesta fase da minha vida a depressão piorou. Comecei a me tratar com terapia e medicação. Dentro do curso de Administração, comecei a cursar algumas matérias de psicologia e pedagogia. Foi o que me motivou a trocar de área. Então fiz metade do curso de Administração e, em 2015, prestei vestibular novamente e entrei para Pedagogia.

Desde essa época, até hoje, luto contra os meus transtornos. Sinto um orgulho imenso das cicatrizes, do meu crescimento e das minhas conquistas. Atuei como professora auxiliar por 5 anos e, este ano, fui promovida a professora regente de uma turma de Educação Infantil em

uma instituição particular de muito apreço aqui em Brasília. Sinto muito orgulho de ter sido reconhecida e me sinto realizada por estar em uma profissão que exige muito, mas que me faz ver sentido na vida, pois quero ser um agente ativo de uma educação acolhedora.

Dentro dos meus anos de experiência, vivenciei a pandemia como uma profissional da educação. Na época, eu era auxiliar na educação infantil, Jardim II, e acompanhei as crianças em aulas virtuais. Por 6 meses, tínhamos encontros virtuais diariamente de uma hora de duração, onde tínhamos que, de alguma forma, seguir o plano de aula e entreter as crianças em frente a uma tela de computador. Experimentei a docência sem sentido e sem vida. Em 2021, cursei a disciplina Projeto 3 com a Professora Dra. Monique Voltarelli, onde fizemos um levantamento de estudos e artigos publicados sobre a Educação Infantil e pandemia. A partir disso, resolvi seguir com esse tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

No meio deste caminho, uma surpresa: me descobri grávida e minha vida e psicológico viraram de cabeça para baixo. O pequeno Caetano estava por vir, para expandir a minha forma de amar. No início, eu não fazia ideia de como isso ia me fazer feliz, então me senti mal e com muito medo. Não era o que eu planejava para minha vida. Atrasei toda a minha graduação e meu processo de escrita. Caetano nasceu. Vivi a loucura do puerpério e me reinventei. A professora Monique não podia mais me orientar, pois estava afastada da Universidade para realização de um pós-doutorado então, a Professora Viviane me acolheu neste meio do caminho. Sou muito grata às duas por tanta paciência comigo. Hoje Caetano tem 1 ano e 6 meses e eu conheci uma felicidade que jamais tinha experimentado. Ele irá frequentar a mesma escola em que atuo e, no futuro, serei sua professora. Uma oportunidade que a maioria das mães não tem. Irei finalizar o curso com muito orgulho nessa Universidade que me trouxe professores humanos e exemplos do que é uma educação acolhedora e construtivista. Ansiosa para o que está por vir, deixo minha contribuição e minha gratidão neste lugar que me fez crescer por tantos anos.

RESUMO

O artigo buscou localizar perspectivas sobre a relação entre infância e pandemia, a partir das produções acadêmicas publicadas nos primeiros anos de pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 (2020-2023) disponíveis na plataforma Scientific Electronic Library Online (SciELO), com foco na verificação sobre como a suspensão dos encontros presenciais foi discutida e abordada nos artigos no campo da educação infantil a fim de compreender como essas publicações científicas discutiram a temática. Esta pesquisa qualitativa e exploratória, concentrou-se no período de 2020 a 2022, considerado o auge da pandemia, quando os impactos mais intensos foram vivenciados. A análise inicial envolveu a revisão dos títulos e resumos para categorizar o conteúdo, permitindo compreender as discussões sobre a pandemia na educação e indicando quais se preocuparam com a primeira infância. A organização em categorias dos artigos localizados proporcionou uma compreensão aprofundada dos desafios e oportunidades emergentes, evidenciando interconexões entre diferentes dimensões da experiência infantil e familiar. Os dados teóricos apresentados neste estudo oferecem uma base inicial para aprofundar a elaboração de políticas públicas e práticas pedagógicas mais resilientes. Estudos futuros poderão expandir e consolidar esses dados, contribuindo para garantir a continuidade da educação e o desenvolvimento integral dos alunos, mesmo em tempos adversos.

Palavras-chave: Infância; Pandemia; Educação; Educação Infantil; Criança

ABSTRACT

The article sought to locate perspectives on the relationship between childhood and the pandemic, based on academic productions published in the early years of the SARS-CoV-2 pandemic (2020-2023) available on the Scientific Electronic Library Online (SciELO) platform. It focused on verifying how the suspension of in-person meetings was discussed and addressed in articles within the field of early childhood education, in order to understand how these scientific publications approached the topic. This qualitative and exploratory research focused on the period from 2020 to 2022, considered the peak of the pandemic when the most intense impacts were experienced. The initial analysis involved reviewing the titles and abstracts to categorize the content, allowing for an understanding of discussions on the pandemic in education and identifying those concerned with early childhood. Organizing the identified articles into categories provided an in-depth understanding of the emerging challenges and opportunities, highlighting interconnections between different dimensions of the childhood and family experience. The theoretical data presented in this study provide an initial foundation for advancing the development of more resilient public policies and pedagogical practices. Future studies may expand and consolidate this data, contributing to ensuring the continuity of education and the comprehensive development of students, even in adverse times.

Keywords: Childhood; Pandemic; Education; Early Childhood Education; Child

SUMÁRIO

Sumário

1 INTRODUÇÃO	14
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	16
2.1. Compreendendo a educação infantil.....	16
2.2. Apontamentos sobre a educação infantil e pandemia	19
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
4.1 Impactos na sociabilidade e na aprendizagem das crianças	23
4.2 Reflexões sobre o desenvolvimento psicológico e cognitivo infantil	25
4.3 Mudanças nos modelos educacionais	28
4.4 Reconfiguração do Cotidiano Familiar e Infantil na Pandemia.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30

1 INTRODUÇÃO

A Sociologia da Infância surgiu no final da década de 1980, trazendo grandes contribuições para a educação infantil. Este campo compreende a criança como ator social e a infância como construção social (Evangelista; Marchi, 2022). Essas concepções podem contribuir para a construção de projetos e práticas nas instituições de educação infantil que considerem as especificidades da infância e a criança enquanto agentes social (Marques, 2016). Este campo de estudo questiona as teorias tradicionais, nas quais a criança era vista como ser passivo em seu processo de socialização, propondo a infância como categoria social e a criança como ator e sujeito produtor de cultura (Marques, 2016). A partir desta primeira inflexão, outras foram realizadas e, dessa forma, permitiram o surgimento de novas temáticas, bem como a elaboração de novas metodologias que buscaram entender as crianças como produtoras de culturas, a partir delas próprias (Abramoxicz; Oliveira, 2010).

A partir deste campo de estudo, as crianças não são mais vistas como passivas e receptoras dos valores impostos pelos adultos. As crianças são sociais e históricas (Abramoxicz; Oliveira, 2010), e assim sendo

Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos tem uma particularidade, e não se confundem nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural frente ao adulto. Essa autonomia deve ser reconhecida e também relativizada: digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural. Os sentidos que elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos (Cohn, 2005, p. 35, *apud* Barbosa, 2014, p. 650-651).

A cultura infantil se manifesta de dois modos - a cultura elaborada por adultos que é transmitida às crianças e a cultura elaborada pelas próprias crianças. Essa última, criada a partir das interações sociais entre as crianças, tem grande importância para seu desenvolvimento social. Corsaro (2003, *apud* Barbosa, 2014) chama de cultura de pares, aquela produzida pelo grupo de pares, que significa um grupo de crianças da mesma faixa etária, que passa um tempo junto diariamente, geralmente em um mesmo contexto, interagindo presencialmente. Isto é, estabelecem cotidianamente, “nos espaços onde se encontram, atividades recorrentes, ou, ainda, rituais ou rotinas culturais que as possibilitam compreender as variáveis do mundo adulto, como as relações de poder, as diferenças entre gênero, classe social, papéis sociais etc” (Barbosa, 2014, p. 656).

À vista disso, é relevante compreender como as instituições educativas importantes para a produção da cultura infantil. O problema da pesquisa abordado neste artigo está ligado aos

impactos causados pela suspensão dos encontros presenciais acarretado pela pandemia de COVID 19 nas experiências infantis. Na área da educação, crianças e adolescentes foram privadas de irem aos ambientes escolares, devido a necessidade do isolamento social, tendo de ter aulas a distância, exigindo que ficassem sentadas em frente aos aparelhos tecnológicos. A relação com a aprendizagem passa a acontecer sem contato social e presencial e a ideia das instituições de Educação Infantil como um espaço físico com rotinas e jornadas, se modificou.

A partir dessa questão norteadora, buscou-se localizar perspectivas sobre a relação entre infância e pandemia, a partir da produção científica disponível na plataforma Scientific Electronic Library Online (SciELO), com foco na verificação sobre como a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 foi discutida e abordada nas produções científicas no campo da educação infantil a fim de compreender como essas publicações discutiram a temática.

Este estudo exploratório utilizou uma metodologia qualitativa e caminhou de modo que se dividiu em dois momentos. O primeiro voltado para a fundamentação teórica realizada com o intuito de compreender a Educação Infantil, buscando referências para a construção do trabalho. Recorreu-se então à pesquisa nos documentos legais que regem a Educação Infantil e à plataforma SciELO, para identificação de artigos publicados.

O segundo momento foi a pesquisa de produções científicas na plataforma SciELO, a fim de localizar e categorizar as produções sobre a temática nos anos pandêmicos no período de 2020 a 2022, buscando compreender como a discussão do tema foi realizada no período da pandemia. A escolha da plataforma SciELO para a busca dos dados se deu principalmente pela importância dessa base de dados para o cenário científico e a visibilidade e disponibilidade dos artigos publicados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Compreendendo a educação infantil

A Educação Infantil, destinada às crianças de até 5 (cinco) anos de idade, em creche e pré-escola, é garantida pelo Estado por meio da Constituição Federal de 1988 e, definido no artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.”

A LDB 9394/96 também define, em seu artigo 26, que:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 1996).

Em 2009 a Educação Infantil passa a ser, constitucionalmente, obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos de idade. A partir disso, surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), para nortear as propostas pedagógicas de todas as instituições públicas e privadas de Educação Infantil em todo Brasil. As DCNEI define a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.12).

É importante destacar também os princípios básicos que devem ser respeitados pelas propostas pedagógicas da Educação Infantil, conforme propõem as DCNEI:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2009, P.16).

A proposta curricular que as instituições de Educação Infantil devem seguir, descrita no documento, deve possibilitar a convivência entre as crianças e entre adultos e crianças. As práticas pedagógicas, ampliando a participação das crianças em atividades coletivas, possibilitando vivências éticas e estéticas com outras crianças que amplie seus conhecimentos de diversidade, promovendo interações com o meio para o aumento de percepções, de

expressões, de experiências sensoriais, corporais, expressivas; aumento do cuidado com o meio, de explorações e interpretações individuais e coletivas (BRASIL, 2009).

Em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi publicada. É um documento que orienta o planejamento curricular de todas as etapas da Educação Básica. Na Educação Infantil, a Base tem as DCNEI como fundamentação teórica e acrescenta um detalhamento maior nos objetivos de aprendizagem. Segundo informação disponível no site do Ministério da Educação (MEC) sobre a BNCC: “Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no País por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito” (BRASIL, 2017). Em relação à Educação Infantil, a entrada das crianças na pré-escola consiste na socialização estruturada delas fora do ambiente afetivo familiar, com o objetivo de diversificar o universo de experiências, trazendo a socialização, a autonomia e a comunicação, já como consta nas DCNEI.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções, 2017 s/p.).

É necessário compreender que os bebês e as crianças pequenas são sujeitos de direitos, dentre os quais destaca-se: “Direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. Quando tomadas como seres capazes, as crianças se tornam protagonistas no projeto educacional (Barbosa, 2010, p. 3)”. Outro aspecto indispensável referido nas diretrizes curriculares é

a valorização das relações interpessoais, da convivência entre as crianças e destas com os adultos, pois são essas relações sociais que oferecem os elementos para a construção da sociabilidade e da constituição subjetiva de cada criança. Esse é um importante papel da educação infantil, principalmente no que se refere a crianças bem pequenas, pois é nessa faixa etária que as interações entre as pessoas têm expressiva relevância para a construção das identidades pessoal e coletiva da criança (Barbosa, 2010, p. 3).

Dentro das garantias evidenciadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2009), há funções que instituições infantis (creches e pré-escolas) precisam cumprir para que contribuam com o bem-estar das crianças e das famílias. Dentre essas funções, a função social destas instituições tem a incumbência de contribuir na construção dos valores da criança, tendo em vista o aprendizado do convívio com as diferentes culturas, identidades e singularidades (Barbosa, 2010). Ela visa “acolher, para educar e cuidar, crianças entre 0 e 5 anos, compartilhando com as famílias o processo de formação da criança pequena em sua integralidade” (Barbosa, 2010, p. 3).

Torna-se, assim, um espaço de vida coletiva onde, diferentemente do ambiente doméstico, os bebês convivem com um grupo de crianças pequenas. Nesse lugar, junto com seus amigos e amigas, sob a coordenação de adultos especializados, as crianças têm a possibilidade de experimentar, aprender e construir relações afetivas. (Barbosa, 2010, p. 3)

Inferese dos documentos norteadores que a Educação Infantil se constitui substancialmente pela interação das crianças com os outros e com o meio. Suas experiências sociais com diferentes tipos de grupos, narrativas, culturas e costumes, favorecem a percepção da identidade, construindo seus modos de agir e pensar, produzindo conhecimento sobre si mesmas e sobre o outro, ampliando o desenvolvimento das habilidades relativas às interações e práticas sociais.

De acordo com Kramer (2007, p. 31), “a creche e a pré-escola se diferenciam essencialmente da escola quanto às funções que assumem num contexto ocidental contemporâneo”. Segundo ela, estas funções na sociedade brasileira apresentam contornos bem definidos. A escola possui seu espaço para o domínio do conhecimento básico, enquanto as instituições de educação infantil se põem sobretudo com fins de complementaridade à educação da família. Logo, enquanto para a escola o protagonista é o aluno e seu foco principal é o ensino de diferentes áreas administrado em salas de aula, a creche e a pré escola tem a criança de 0 a 6 anos como protagonista e o foco principal as relações e interações através do convívio coletivo. Kramer ainda complementa:

Apesar do compromisso com um “resultado escolar” que a escola prioriza e que, em geral, resulta numa padronização, estão em jogo na Educação Infantil as garantias dos direitos das crianças ao bem-estar, à expressão, ao movimento, à segurança, à brincadeira, à natureza, e também ao conhecimento produzido e a produzir. (Kramer, 2007, p. 31).

Nascimento (2009) apresenta estudos onde as crianças têm sido pesquisadas nas interações coletivas dentro de suas rotinas, nas pré-escolas e creches, onde as falas e ações cometidas por atividades guiadas por professores e professoras, são enfoque das observações, considerando a criança como um ser que *é*, e não mais como um *vir a ser* “Reconhece-se, portanto, que as crianças têm plena capacidade de produção simbólica e constituem suas representações e crenças em sistemas organizados, ou seja, em culturas (Nascimento, 2009, p. 34, *apud* Sarmiento, 1997).

2.2. Apontamentos sobre a educação infantil e pandemia

Em 2019, um vírus identificado inicialmente na China, referido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como coronavírus, foi reconhecido como uma pandemia. Em 2020 o vírus chegou ao Brasil e causou uma mudança brusca na realidade dos brasileiros, assim como no mundo todo. Com alto potencial de disseminação, para evitar colapsos no sistema de saúde e minimizar os altos índices de mortalidade, estratégias para controle e prevenção foram adotadas, como isolamento e distanciamento social. A esse respeito, Estrella e Lima afirmam:

Definiram múltiplas ações como medidas de contenção do vírus, incluindo a restrição em diversos graus de interações sociais, ou mesmo de isolamento social, proibição de deslocamentos dentro e/ou fora do território nacional, estabelecimento de lockdown em países como a Itália e interrupção de atividades não essenciais, como o fechamento de atendimento presencial de escolas de todos os níveis de ensino, incluindo a educação infantil (Estrella; Lima, 2020, *apud* Sommerhalder; Pott; La Rocca, 2022).

Essas medidas foram eficazes, porém trouxeram impactos negativos no âmbito econômico, social e psicológico. Na área da educação, crianças e adolescentes foram privadas de irem aos ambientes escolares, tendo de ter aulas a distância, sentadas em frente aos computadores ou com equipamentos similares, onde a relação com o saber passa a acontecer sem contato social presencial e a ideia de instituições de ensino como um espaço físico com rotinas e jornadas, se modifica. A suspensão das atividades presenciais acarretada pela pandemia, embora necessária, acabou não levando em consideração os princípios que orientam a Educação Infantil. Segundo os dados da Unesco (2021), no que diz respeito a interrupção das atividades presenciais escolares, entre os meses de março e maio de 2020 mais de 1 bilhão de crianças e jovens no mundo tiveram suas atividades suspensas em decorrência da Covid-19, portanto, “seguindo a lógica mundial, o governo brasileiro anunciou pela Portaria MEC nº343, de 17 de março de 2020, a suspensão das atividades presenciais nas escolas em função da crescente propagação do vírus SARS-CoV-2” (BRASIL, 2020, *apud* Sommehalder; Pott; La Rocca, 2022)

A carta aberta ao presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE), dirigida pela Rede Nacional Primeira Infância (RNPI), apontava para a contrariedade das novas medidas no âmbito da Educação Infantil, uma vez que a “educação das crianças de até cinco anos e onze meses é de natureza essencialmente interacional, como reconhecido e afirmado nas normas postas pelo próprio CNE” (Cordeiro, 2020). A carta ainda aponta:

O currículo da Educação Infantil, tal como definido nas DCNEI, se pauta na experiência das crianças diante de proposições que integram as diferentes linguagens,

portanto, não encontra-se estruturado por conteúdos, mas a partir de situações educativas organizadas pelas professoras com base na observação e na escuta de situações vividas por meninos e meninas no cotidiano, o que não se aplica à educação a distância e nem irá ocorrer no atendimento que os pais e familiares prestam aos seus filhos em casa (Cordeiro, 2020).

Ainda sobre o isolamento provocado pela COVID-19 nas experiências de meninos e meninas, a professora Inés Dussel (CINEVAST- México) em sua entrevista na live da plataforma *Youtube* no canal da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), afirma que a escola se torna doméstica, a qual necessita, da parte do professor, do estudante e da família, um esforço maior para o enquadramento da ação pedagógica. Ainda na concepção da professora, a criança que se encontra nessa realidade pandêmica, sente falta do trabalho com outras crianças, do convívio com iguais e, além disso, sentem-se vigiados e monitorados todo o tempo, sempre com o olhar dos adultos, sem poder compartilhar esse peso com alguma outra criança.

Isso diz muito sobre o que a escola faz e o que a escola é, um espaço de autonomia das crianças, sem a presença de mães e pais. (...) Então o que hoje está acontecendo, para mim, com as aulas no computador e no *whatsapp*, deixa claro que a escola faz muitas coisas além do que ser somente uma transmissão de conhecimento e distribuir tarefas (Dussel, 2020).

O ensino remoto, sincronizado por dispositivos virtuais, se tornou mais teórico, um ensino com mais realizações e entregas de tarefas, e com menos conversas, menos momentos comuns, menos trabalhos compartilhados e menos conhecimentos compartilhados. A professora e pesquisadora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Ângela Coutinho, em entrevista para a ANPEd sobre a Educação Infantil e as Políticas Governamentais na pandemia, traz a questão da ilegalidade de se propor atividades a distância na Educação Infantil, afirmando que:

as crianças pequenas são produtoras de cultura, se relacionam com o conhecimento de mundo, têm saberes e, portanto, elas não são meras espectadoras ou depositárias dessas expectativas dos adultos. E nesse movimento de encaminhamento aligeirados, muitas vezes o que aconteceu é que se considerou muito aquilo que era a expectativa do adulto e se considerou pouco aquela que era a especificidade da criança pequena (as interações e a brincadeira). (Coutinho, 2020)

Ela esclarece assim, sobre o trabalho pedagógico com as crianças pequenas ser fundamentalmente interativo e não se baseia em uma lista fixa de conteúdos. O currículo da Educação Infantil é visto como um conjunto de práticas que integram as experiências e conhecimentos das crianças com elementos culturais, artísticos, ambientais e científicos. Na Educação Infantil, a aprendizagem é facilitada por meio de vivências que vão além de atividades tradicionais, incluindo brincadeiras e cuidados. Além disso, a avaliação nesse

contexto não tem como objetivo promover ou reter crianças, e não é determinante para o acesso ao Ensino Fundamental.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Após uma breve revisão teórica acerca do tema, neste capítulo será apresentado o método empregado na condução deste trabalho com o intuito de alcançar os objetivos previamente estipulados.

A presente pesquisa, de natureza qualitativa e de caráter exploratório, teve como objetivo investigar na produção científica, artigos teses e dissertações, publicadas em período pandêmico, do ano de 2020 ao ano de 2022, de modo a localizar indicativos e problematizações acerca desse contexto na área da educação infantil, categorizando e analisando o conteúdo dos artigos, para se compreender como essas publicações discutiram a temática.

A primeira etapa do trabalho consistiu em um levantamento de dados, realizadas no portal SciELO, “um repositório multidisciplinar para depósito, preservação e disseminação de dados de pesquisa de artigos submetidos ou aprovados para publicação” (SciELO, s/d).

Para condução das buscas na plataforma SciELO, foram utilizados termos variados relacionados à infância, pandemia e educação, considerando os seguintes critérios: (1) todos os países da América Latina; (2) textos produzidos em inglês, espanhol e português; (3) todas as áreas do conhecimento; além de termos que incluíssem bebês, crianças, adolescentes e jovens; temas que incluem termos como “aula”, “currículo”, “escola”, “ensino”, “educação”, “creche”, “pré-escola”, “docência”, “professor”, “educação infantil”, “ensino fundamental”, ou qualquer outro termo relacionado às instituições educativas.

Os descritores utilizados na plataforma SciELO foram: pandemia; creche pandemia; pré-escola pandemia; creche covid 19; pré-escola covid19; covid-19; coronavírus; criança covid; infância; infância coronavírus; crianças; bebês; educação; educação infantil; pré-escola; adolescente; adolescente pandemia; tempos de crise; crise sanitária; educação pandemia.

Para assegurar que os textos selecionados fossem relevantes, foi estabelecido critérios de inclusão e exclusão, excluindo os textos que não dialogavam diretamente com os objetivos da pesquisa. Um total de 63 textos foram encontrados e analisados, porém foram selecionados apenas os textos que apresentavam “Educação” como Área do Conhecimento e criança como foco, assim como aqueles que apresentavam “Psicologia” e “Saúde” como área do

conhecimento com foco em desenvolvimento infantil, totalizando 17 textos. Após a localização dos textos, foi analisado inicialmente o título e o resumo de cada um deles para categorizar.

	Autor	Título	Ano
Art. 1	Oliveira et al.	A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências.	2020
Art. 2	Linhares et al.	Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil.	2020
Art. 3	Gatti	Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia.	2020
Art. 4	Guizzo et al.	A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia.	2020
Art. 5	Charczuk	Sustentar a Transferência no Ensino Remoto docência em tempos de pandemia	2021
Art. 6	Silva et al.	A Escola Na Ausência Da Escola: Reflexões Das Crianças Durante A Pandemia	2022
Art. 7	Romanzini et al.	Repercussões da pandemia da Covid-19 em crianças do Ensino Fundamental	2022
Art. 8	Costa et al.	Fatores de risco e proteção para o desenvolvimento na primeiríssima infância durante a pandemia por COVID-19	2022
Art. 9	Meirelles et al.	Cidade Que Virou Casa: Considerações Sobre O Brincar Livre E Espontâneo Durante O Período De Isolamento Social De 2020	2022
Art. 10	Konslinsk et al.	Ambiente De Aprendizagem Em Casa E O Desenvolvimento Cognitivo Na Educação Infantil	2022
Art. 11	Barbosa et al.	Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19	2022
Art. 12	Sommerhalder et al.	A educação infantil em tempo de SARS-CoV-2: a (re)organização dos fazeres docentes	2022

Fonte: Autoria Própria

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção apresenta uma análise dos artigos selecionados, agrupando-os em quatro categorias temáticas. Essa categorização permite visualizar as principais abordagens adotadas pelos estudos sobre as transformações recorrentes da pandemia e compreender as diferentes perspectivas sobre o tema. A primeira categoria, composta por dois artigos, reúne trabalhos que abordam o impacto na sociabilidade e na aprendizagem das crianças. A segunda categoria, que inclui quatro artigos, abrange reflexões sobre o desenvolvimento psicológico e cognitivo. A terceira categoria, formada por três artigos, trata sobre mudanças nos modelos educacionais. A quarta e última categoria contém dois artigos que discutem a reconfiguração do cotidiano familiar e infantil.

4.1 Impactos na sociabilidade e na aprendizagem das crianças

A pandemia da Covid-19 trouxe desafios significativos para a educação, afetando não apenas o processo de aprendizagem, mas também a sociabilidade das crianças. Os artigos reunidos nesta categoria foram os artigos 1, 6 e 11. Eles discutem diferentes aspectos dessas transformações, considerando a educação em um sentido amplo e não exclusivamente a educação infantil. Entre os temas abordados, destacam-se os efeitos da suspensão das aulas, o uso do tempo e da tecnologia no aprendizado, além das desigualdades acentuadas pelo ensino remoto. Além disso, os estudos exploram a visão das próprias crianças sobre a escola durante esse período, evidenciando seu papel central na vida social e emocional dos estudantes. Também são analisados os impactos diferenciados entre classes sociais, gêneros e grupos em situação de vulnerabilidade, ressaltando as dificuldades enfrentadas por aqueles com menor acesso a recursos tecnológicos e suporte educacional adequado. Ao reunir essas pesquisas, busca-se compreender as múltiplas dimensões da experiência infantil durante a pandemia e os desafios para mitigar os prejuízos causados por esse período.

O artigo 1 analisa os efeitos da suspensão das aulas, do uso do tempo e das tecnologias no aprendizado. Os dados indicam que a ampliação do tempo letivo e a tecnologia, por si só, são insuficientes. O trabalho mostra que o aumento da carga horária nos currículos, não necessariamente surte efeito. Aumentar a carga horária escolar não garante, por si só, uma melhoria na aprendizagem. Isso pode ocorrer porque o tempo passado na escola não significa, essencialmente, que os alunos estejam realmente envolvidos em atividades que favorecem o aprendizado. O simples fato de ter mais aulas não assegura que o tempo será aproveitado de

forma eficaz para a aquisição de conhecimento. O mesmo ocorre com o uso de tecnologias de comunicação, embora tenha o potencial de melhorar o desempenho escolar, com suas vantagens em diagnóstico, personalização e interatividade. As evidências mostram resultados variados, com muitos experimentos indicando que o acesso a computadores, por si só, não leva a um aumento significativo na aprendizagem. O artigo então aponta as estratégias mais eficazes para recuperar as perdas decorrentes da interrupção de aulas, que incluem diagnósticos precisos, intervenções adequadas, melhor aproveitamento do tempo e tutoria intensiva para alunos em maior risco. O trabalho enfatiza a importância de políticas intensivas e atenção especial para a Primeira Infância.

O artigo 6 fala sobre como as crianças de 8 a 12 anos veem a escola durante a suspensão das aulas por causa da pandemia. O artigo se baseia na ideia de que as crianças têm direito a participar da vida social e que suas percepções devem ser reconhecidas. Foi feita uma pesquisa entre os meses de junho e novembro de 2020 com 2.021 crianças da Região Metropolitana de Belo Horizonte, por meio de um questionário *online*. Foi utilizada a técnica conhecida como “bola de neve” para divulgação do questionário, onde os participantes iniciais ajudam a recrutar outros participantes para o estudo. Na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas entrevistas remotas com 33 crianças, utilizando plataformas digitais ou aplicativos de celular. E os resultados mostram que, para as crianças, a escola vai além do ensino acadêmico, representando um espaço de convivência social, amizades e apoio emocional. A suspensão das aulas presenciais revelou a centralidade da escola na vida das crianças e a importância das relações interpessoais para o aprendizado. As crianças demonstraram preocupação com o retorno às aulas e saudade do ambiente escolar, mas também apontaram a inadequação do ensino remoto. A pandemia aprofundou desigualdades, especialmente para as crianças em situação de vulnerabilidade, que tiveram dificuldades com o acesso às tecnologias. A pesquisa reforça a necessidade de um projeto pedagógico que vá além da transmissão de conteúdos e valorize as relações e o cuidado com as crianças.

O artigo 11 amplia essa discussão ao revisar a literatura mundial sobre os prejuízos na aprendizagem das crianças e adolescentes da educação básica no contexto da pandemia, evidenciando como estudantes em situação de vulnerabilidade social foram os mais afetados, tanto na aprendizagem quanto em aspectos como alimentação e carga de trabalho doméstico. Os estudos analisados frequentemente destacaram a desigualdade no impacto da suspensão das aulas entre crianças de diferentes classes sociais. Embora a perda de aprendizado seja algo inevitável para todas, o efeito tende a ser menos significativo para crianças de classes sociais mais altas, que enfrentam menos obstáculos para continuar os estudos por meio de recursos

digitais. Em contrapartida, crianças de baixa renda geralmente não têm acesso a um ambiente apropriado para assistir às aulas ou realizar as atividades propostas pelos professores. Alguns estudos destacaram os efeitos de gênero durante a pandemia, como o aumento da gravidez precoce, casamento forçado e exploração sexual, que dificultaram o retorno das meninas às escolas. Além disso, elas passaram a dedicar mais tempo às tarefas domésticas, prejudicando o tempo para os estudos. A transição para aulas online também reduziu o tempo de instrução e dificultou a participação de alguns alunos, afetando a aprendizagem em áreas como leitura, matemática e ciências. Estudantes com necessidades educacionais especiais enfrentaram maiores desafios devido à falta de interação social e apoio adaptado nas aulas virtuais.

4.2 Reflexões sobre o desenvolvimento psicológico e cognitivo infantil

A pandemia da Covid-19 trouxe desafios significativos para o desenvolvimento psicológico e cognitivo das crianças, impactando diretamente sua saúde mental e sua aprendizagem. Os artigos reunidos nessa categoria são os números 2,7,8 e 10. Eles abordam que, embora as crianças apresentem menor risco de desenvolver formas graves da doença, elas são mais vulneráveis a situações adversas, o que pode gerar estresse tóxico e afetar áreas cerebrais ligadas à memória, aprendizado e controle das emoções. O fechamento das escolas e o ensino remoto comprometeram as interações sociais, essenciais para o desenvolvimento infantil, especialmente na Educação Infantil, onde a aprendizagem ocorre por meio da experiência concreta e do convívio com outras crianças. Além disso, fatores de risco e proteção, como escolaridade dos responsáveis, condições socioeconômicas e acesso a espaços ao ar livre, influenciaram diretamente a forma como cada criança vivenciou esse período. Nesse sentido, compreender os impactos da pandemia sob a ótica da saúde mental infantil torna-se fundamental para a educação, pois permite refletir sobre estratégias que promovam o bem-estar emocional e a equidade no desenvolvimento, tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

O artigo 2 ressalta que embora as crianças desenvolvam menos sintomas graves da doença, elas podem sofrer impactos significativos em seu desenvolvimento psicológico, pois são mais vulneráveis a situações adversas. O artigo explora conceitos da Teoria do Caos¹ no

¹ A Teoria do Caos no desenvolvimento, apresentada por Evans e Wachs (2010), é uma releitura da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, acrescentando uma nova perspectiva sobre como a desorganização ambiental pode afetar o desenvolvimento infantil. Enquanto a Teoria Bioecológica enfatiza as interações entre a criança e os diferentes sistemas que a cercam (família, escola, comunidade, cultura), a Teoria do Caos destaca que, em alguns contextos, essas interações podem ser prejudicadas por fatores como falta de rotina, ruídos constantes, instabilidade emocional e física no ambiente familiar. Quando a vida cotidiana da criança se torna imprevisível e desorganizada, isso pode gerar estresse e dificultar seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Dessa

desenvolvimento da criança, o qual da interação entre diferentes fatores ambientais e a pandemia criou um cenário de caos que afetou a estrutura familiar, a educação e o suporte social, trazendo desafios significativos para o desenvolvimento saudável das crianças. Além da família, a escola tem um papel essencial no desenvolvimento infantil, pois permite que as crianças aprendam a interagir com outras, compartilhem experiências e desenvolvam habilidades como cooperação, negociação e controle emocional. Com a pandemia e o ensino remoto, as crianças perderam essas interações presenciais, o que pode ter afetado seu desenvolvimento social e emocional. Para crianças pequenas, como as da Educação Infantil, o ensino a distância foi ainda mais problemático, pois elas aprendem principalmente por meio de experiências concretas e da interação com outras crianças. O artigo trata também sobre o estresse tóxico, que pode afetar o cérebro da criança, especialmente áreas ligadas à memória, aprendizado e controle das emoções. O trabalho apresenta mecanismos para evitar um ambiente caótico e minimizar o estresse infantil, recomendando manter rotinas estruturadas, dividir tarefas, organizar espaços para diferentes atividades e promover momentos de lazer e diálogo. O objetivo é refletir, sob a ótica da psicologia, sobre os possíveis efeitos da pandemia tanto no crescimento emocional das crianças quanto na dinâmica da parentalidade.

O artigo 7 investigou a saúde mental infantil durante a pandemia da Covid-19, considerando a maior vulnerabilidade emocional das crianças. A pesquisa, de caráter qualitativo, analisou a percepção dos pais sobre as questões emocionais e comportamentais de crianças entre seis e dez anos, matriculadas no Ensino Fundamental I de duas escolas privadas no Vale do Caí/RS. As entrevistas foram conduzidas via Google Meet, gravadas, transcritas e analisadas com base na metodologia de Bardin, utilizando o software QRS NVivo. Os resultados foram organizados em duas categorias: a percepção dos pais sobre as necessidades emocionais das crianças, que se destacou o medo das crianças e os fatores que contribuíram para a promoção da saúde mental nesse período. Os pais relataram que o distanciamento social impactou a saúde mental infantil, principalmente na aprendizagem, com maiores dificuldades entre as crianças mais novas. A falta de interação com colegas e familiares gerou ansiedade, irritabilidade, tristeza, medos e sintomas físicos, como dores de cabeça e barriga. No entanto, fatores como o ambiente familiar, o acesso a áreas verdes e a presença de espaços abertos ajudaram a mitigar esses efeitos. Além disso, algumas crianças estavam em acompanhamento psicológico, o que também contribuiu para amenizar os impactos.

forma, a Teoria do Caos aprofunda a compreensão sobre o impacto de ambientes instáveis dentro da estrutura da Teoria Bioecológica.

O artigo 8 investiga os fatores de risco e proteção que podem influenciar o desenvolvimento de crianças na primeiríssima infância durante a pandemia da COVID-19. A hipótese sugere que características familiares, como escolaridade e ocupação dos responsáveis, e condições de vida, como renda, participação em programas sociais e exposição a cuidadores que usam álcool ou drogas, podem impactar esse desenvolvimento. Esses fatores podem atuar tanto como risco, prejudicando a criança, quanto como proteção, auxiliando seu crescimento saudável. O artigo menciona que um estudo conduzido com 617 crianças pré-escolares no Brasil demonstrou que a pandemia trouxe impactos negativos no desenvolvimento cognitivo e da linguagem das crianças. Assim, a pesquisa busca identificar quais desses elementos tiveram maior influência nesse contexto. A pesquisa acontece em outubro de 2020, por meio de dados coletados em três centros de Educação Infantil na cidade de São Paulo, usando um questionário online. Os fatores de risco e proteção foram mensurados com o instrumento Primeira Infância Para Adultos Saudáveis - o primeiro instrumento brasileiro validado para avaliar o desenvolvimento de crianças de 0 a 5 anos, podendo ser aplicado em larga escala - e o status do desenvolvimento da criança foi aferido por meio do *Caregiver Reported Early Development Instruments* – CREDI, que é uma medida em nível populacional desenvolvida internacionalmente para avaliar o desenvolvimento geral de crianças de 0–35 meses nos domínios motor, da linguagem, cognição, socioemocional e de saúde mental. O estudo ressaltou que a convivência com os avós e os programas de transferência de renda têm um papel protetor no desenvolvimento infantil, além da necessidade de apoiar mulheres chefes de família. Diante da importância da primeiríssima infância, é essencial investir no fortalecimento das competências dos cuidadores, garantir o acesso à educação infantil e promover ações intersetoriais que assegurem equidade de oportunidades para o desenvolvimento das crianças.

O artigo 10 analisa como as desigualdades sociais já se manifestam no início da escolarização obrigatória no Brasil, utilizando o conceito de Ambiente de Aprendizagem em Casa (AAC) para compreender sua influência no desenvolvimento infantil. Diferente de estudos que focam apenas em fatores socioeconômicos, a pesquisa destaca a importância das interações familiares no processo de aprendizagem das crianças. Os resultados indicam que o AAC impacta o desenvolvimento infantil desde o início da escolarização, independentemente das características sociodemográficas. Além disso, o estudo resalta que melhorias no AAC devem estar acompanhadas de políticas intersetoriais, considerando desafios como pobreza e longas jornadas de trabalho dos responsáveis. No contexto da pandemia, em que o fechamento prolongado das escolas agravou as desigualdades educacionais, a pesquisa reforça a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a relação entre escola e família, garantindo

melhores oportunidades para o desenvolvimento infantil, especialmente para crianças em situação de vulnerabilidade.

4.3 Mudanças nos modelos educacionais

A pandemia da Covid-19 impôs uma rápida reconfiguração dos modelos educacionais, desafiando práticas estabelecidas e impulsionando a emergência de novas abordagens pedagógicas. Nesta categoria, os estudos selecionados foram os números 3, 5 e 12, que exploram diferentes dimensões dessa transformação.

O artigo 3 propõe uma reflexão profunda sobre como a pandemia de Covid-19 pode (ou não) desencadear mudanças estruturais na educação, tanto na educação básica quanto na superior, e questiona se os efeitos da pandemia levarão a transformações significativas em nossa forma de viver, trabalhar e educar, ou se haverá uma simples retomada dos padrões anteriores. Ressalta que a pandemia impôs uma transição abrupta para o ensino remoto, revelando profundas desigualdades no acesso à tecnologia e apoio familiar, especialmente entre alunos em situação de vulnerabilidade. Essa mudança prejudicou a continuidade de atividades práticas e evidenciou as dificuldades dos docentes em se adaptarem a novas demandas pedagógicas, gerando estresse, ansiedade e problemas de concentração tanto para estudantes quanto para professores.

O artigo 5 traz um olhar que vai além da simples oposição entre presencial e remoto. O trabalho defende que, embora o ensino remoto tenha surgido como resposta emergencial à pandemia, suas críticas não devem se limitar às dificuldades tecnológicas ou à suposta fragilidade do vínculo, mas direcionar-se à necessidade de bases teórico-conceituais robustas que sustentem a prática docente. Utilizando a análise psicanalítica da transferência², o autor mostra que, através da escuta ativa e da comunicação efetiva, é possível estabelecer laços significativos entre professores e alunos mesmo sem a presença física, embora ressalte as dificuldades específicas enfrentadas por alunos mais jovens que dependem do suporte adulto.

O último artigo da categoria, o 12, destaca que a implementação do ensino remoto na educação infantil representou um grande desafio para os professores, principalmente porque a maioria não recebeu formação específica para integrar as tecnologias ao planejamento

² A análise psicanalítica da transferência é um conceito central na psicanálise, especialmente na teoria de Freud. A transferência ocorre quando o paciente projeta sentimentos, desejos ou padrões de relacionamento, muitas vezes inconscientes, em relação ao analista, como se ele fosse uma figura significativa do passado (pais, cuidadores, etc.).

pedagógico. Diante dessa dificuldade, muitos recorreram a ferramentas digitais de uso pessoal, como WhatsApp® e Facebook®, para manter contato com as famílias e preservar os vínculos afetivos com as crianças, mais do que para promover aprendizagens formais. Além de apontar que o ensino remoto trouxe uma possível regressão no campo da educação infantil, comprometendo princípios essenciais, como o protagonismo infantil e o aprendizado por meio da interação e da experimentação. Além disso, questiona-se o impacto dessa interrupção presencial na ampliação das desigualdades educacionais, especialmente para crianças mais vulneráveis que dependiam das instituições públicas.

4.4 Reconfiguração do Cotidiano Familiar e Infantil na Pandemia

Os artigos 4 e 9 estão reunidos nesta categoria pois abordam sobre como a pandemia de COVID-19 impôs reinvenções e deslocamentos no cotidiano das famílias e das crianças, pautados pelo direito à vida, mas também por restrições ao direito à liberdade. As relações entre famílias e tecnologias, entre famílias e escola e entre famílias e crianças passaram por alterações e reajustes evidentes. Com o fechamento das escolas e a adoção do ensino remoto, o tempo escolar passou a ‘viajar no espaço’, sendo transferido para dentro das casas. No entanto, sua transposição mostrou-se impossível, revelando tanto a inconformidade quanto o fortalecimento de desigualdades já existentes.

O artigo 4 explora esse contexto ao abordar as relações entre famílias e tecnologias, entre famílias e escola e entre famílias e crianças, evidenciando como, diante da excepcionalidade do momento, práticas foram reconfiguradas tanto para manutenção das formas de organização social quanto para a criação de novas possibilidades. Além disso, o estudo levanta reflexões sobre a participação ativa das crianças nesse processo. Embora elas sejam reconhecidas como sujeitos de direitos, há um questionamento sobre o quanto suas vozes e experiências têm sido realmente consideradas durante esse período de intensas mudanças. Assim, aponta-se a necessidade de novas investigações que analisem de que forma as crianças estão expressando e compreendendo essas transformações em suas rotinas.

Já o artigo 9 investiga o impacto do confinamento no brincar infantil, demonstrando que a casa, com tempos mais amplos e menos restrições de acesso a objetos e cômodos, tornou-se um espaço de novas experimentações lúdicas. O brincar livre e espontâneo se mostrou um fenômeno em constante transformação, funcionando como um mecanismo de interação, regulação e resiliência, mesmo em tempos desafiadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos artigos selecionados revela a profundidade e a complexidade das transformações provocadas pela pandemia no contexto educacional e na vida infantil. Organizar os estudos em categorias permitiu uma compreensão mais abrangente dos desafios e das oportunidades emergentes nesse cenário. Essa categorização é relevante, pois possibilita identificar interconexões entre os fenômenos estudados, evidenciando como diferentes dimensões da experiência infantil e familiar se inter-relacionam e se manifestam de maneiras específicas durante a crise. Essa abordagem analítica não só enriquece o diagnóstico dos impactos da pandemia, mas também reforça a importância deste trabalho, ao demonstrar a capacidade de articular múltiplas perspectivas para oferecer uma visão crítica e integrada dos desafios contemporâneos da educação.

Adicionalmente, este estudo se configura como uma ferramenta para a preparação diante de futuras emergências. Ao examinar minuciosamente as transformações e estratégias adotadas durante a pandemia, o trabalho fornece dados teóricos de evidências científicas consolidadas, que podem orientar a formulação de políticas públicas e práticas pedagógicas mais resilientes e adaptativas. Dessa forma, o conhecimento construído aqui não só contribui para a compreensão dos desafios atuais, mas também oferece uma base inicial para a elaboração de respostas mais eficazes em eventuais crises, permitindo que lições aprendidas sejam integradas de forma a mitigar os efeitos de novas emergências sanitárias. Essa perspectiva reforça a necessidade de investir em planejamento estratégico e na formação continuada de educadores e gestores, assegurando que a educação se transforme e se adapte para promover o desenvolvimento integral dos alunos, mesmo em contextos adversos. Acima de tudo, eventos como a pandemia revelam as raízes das desigualdades, cuja redução demanda políticas eficazes para a Primeira Infância e cuidados especiais para os alunos dos primeiros anos escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. D. **A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção.** *Educação* (Santa Maria. Online), v. 35, n. 1, p. 39-52, 2010.

BARBOSA, Maria Carmem. **Especificidades da ação pedagógica com os bebês.** In: **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS**, Belo Horizonte, novembro de 2010.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Seção 1, p. 2783.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 17 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 17 fev. 2025.

BRASÍLIA. **Carta aberta ao CNE: pela educação infantil, pela vida.** 2020. Disponível em: <https://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Carta-Aberta-ao-CNE.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2025.

CHARCZUK, Simone B. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/S7dGKjBx7Ch4FxCwVc93pVg/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

COUTINHO, Angela. **Educação Infantil e as políticas governamentais na pandemia.** In: **LIVE DA INPED,** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DI7IQZzG49A&t=1252s>. Acesso em: 17 fev. 2025.

COSTA, Priscila; FORNI, Evelyn; AMATO, Isabella; SASSAKI, Regina Lúcia. Fatores de risco e proteção para o desenvolvimento na primeiríssima infância durante a pandemia por COVID-19. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 56, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/PRHtVKgCzbKcyvtZ6ytPtCk/>. Acesso em: 17 de fev. 2025.

DUSSEL, Ines. **Isto não é uma escola ou é? Reflexões sobre o escolar em tempos de pandemia.** In: **LIVE DA INPED,** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7qRxFsuN4AA&t=101s>. Acesso em: 17 fev. 2025.

EVANGELISTA, Nislândia Santos; MARCHI, Rita de Cássia. **Sociologia da infância e reprodução interpretativa: um modelo redondo do desenvolvimento infantil.** *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 48, e241891, 2022.

GATTI, Beatriz A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 29-41, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7M6bwtNMyv7BqzDfKHFqxjh/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

GUZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MÜLLER, Fernanda. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 47, e240159, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/ybM6TZ8MvPmdLN8HzqgFZKS/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

KOSLINSKI, Mariane Campelo; GOMES, Renata Corrêa; RODRIGUES, Blenda Luize Chor; ANDRADE, Felipe Macedo de; BARTHOLO, Tiago Lisboa. Ambiente de aprendizagem em casa e o desenvolvimento cognitivo na educação infantil. *Educação & Sociedade*, v. 43, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RM3W99FxXdTKHCjWqyhQHmn/>. Acesso em: 17 de fev. 2025.

KRAMER, Sonia. **A infância e sua singularidade.** In: BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade** / org. Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LINHARES, Maria Beatriz Martins; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 37, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CrYD84R5ywKWBqwbRzLzd8C/>. Acesso em: 17 fev. 2025

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes. **Sociologia da Infância e Educação Infantil: à procura de um diálogo.** *Educação. Revista do Centro de Educação*, vol. 42, núm. 1, pp. 149-162, 2017.

MEIRELLES, Renata Dias de Carvalho; ECKSCHMIDT, Sandra; HORNETT, Elisa; LIMAVERDE, Gabriel; MATTOS, Lia; NASCIMENTO, Reinaldo; SAURA, Soraia C. A cidade que virou casa: considerações sobre o brincar livre e espontâneo durante o período de isolamento social de 2020. *Movimento*, v. 28, p. e28073, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/QKjbbMc3vMKmvHpggyh64vr/>. Acesso em: 17 de fev. 2025.

NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso. **Sociologia da infância e Educação Infantil: algumas considerações sobre a aproximação entre essas duas áreas na pesquisa sobre a pequena infância.** *Horizontes*, v. 27, n. 2, p. 31-36, 2009. Disponível em: [http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/RevistaHorizontes_web\[16555\].pdf](http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/RevistaHorizontes_web[16555].pdf). Acesso em: 17 fev. 2025.

SILVA, Ana Paula da; et al. Repercussões da pandemia da Covid-19 em crianças do Ensino Fundamental. *Saúde em Debate*, v. 46, n. 134, p. 1020-1033, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/kmWd9D7RhQGbzLZzGMwWHD/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SILVA, Ana Carolina de Oliveira e; DUTRA, Renata Lucena. Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 7, p. e59110716593, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsd/a/9qGdX3nK9KJq3L8FJ9Z9V7z>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira; SILVA, Maria de Fátima Costa; SILVA, Maria de Lourdes Costa; SILVA, Maria das Dores Costa; SILVA, Maria das Graças Costa. A escola na ausência da escola: reflexões das crianças durante a pandemia. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 42, n. 118, p. 270-282, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/xjdTrfz7GkfkpcpW4jdzSb/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SILVEIRA BARBOSA, M. C. **Culturas infantis: contribuições e reflexões.** *Revista Diálogo Educacional*, v. 14, n. 43, p. 645-667, 2014.

SOMMERHALDER, Aline; POTT, Eveline Tonelotto Barbosa; LA ROCCA, Concetta. **A educação infantil em tempo de SARS-CoV-2: a (re)organização dos fazeres docentes.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 48, e254817, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202248254817>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SOUZA, R. L.; SILVA, D. F.; PEREIRA, M. P. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 109, p. 1015-1037, 2020.